



**CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS CURRICULARES  
NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Camila Dos Anjos Aguiar<sup>1</sup>,  
Paula Pereira Rotelli<sup>2</sup>

**RESUMO**

*Este estudo tem como objetivo descrever, analisar e interpretar os Materiais Curriculares utilizados pelos professores de Educação Física por meio de seus planejamentos de ensino sobre o tema esporte. A metodologia utilizada está fundamentada na perspectiva interpretativa crítica. Tal diversidade na utilização de MC's nos possibilitou considerar que os professores retrataram, a partir do planejamento, a dimensão política de sua intervenção pedagógica com o tema esporte, sendo este mais ampliado do sentido e significado do fenômeno esportivo. Também chama a atenção da necessidade de aprofundarmos este debate, sobre os MC's, nos cursos de formação inicial e continuada em Educação Física.*

**Palavras Chaves:** Educação Física Escolar – Materiais Curriculares – Formação Profissional

**RESUMEN**

*Este estudio tiene como objetivo describir, analizar e interpretar los Materiales Curriculares utilizados por los profesores de Educación Física a partir de sus planificaciones de clase sobre el tema deporte. La metodología utilizada esta fundamentada en la perspectiva interpretativa crítica. La diversidad utilizada de los MC's nos permitió considerar que los profesores retrataran, a partir de la planificación, la dimensión política de su intervención pedagógica con el tema deporte, siendo este ampliado mas ampliado del sentido y significado del fenómeno deportivo. También llama la atención de la necesidad de profundizarnos este debate, sobre los MC's, en los curso de formación inicial y permanente en Educación Física.*

**Palabras Claves:** Educación Física en la escuela – Materiales Curriculares – Formación Profesional

**ABSTRACT**

*This paper aims to describe, analyze and understand the curriculum materials used by Physical Education teachers about sports by means of analyzing their teaching planning. The methodology used is based on a critical interpretative perspective. The diversity in using the curriculum materials made it*

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física pela UFU, com Especialização em Educação Física Escolar, professora da Prefeitura Municipal de São Paulo.

<sup>2</sup> Licenciada em Educação Física pela UFU, com Especialização em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar, mestranda em Educação pela UFSC, professora da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.



*possible to consider that based on their planning the teachers addressed the political dimension of their pedagogical intervention about the theme sport, a theme that was extended in the sense and meaning of the sport phenomenon. This paper also calls the attention to the need of going deeper in the discussion about initial education and in-service courses in Physical Education.*

**Keyword:** *School Physical Education – Curriculum Materials – Professional Formation*

## **Introdução**

Este artigo é resultado de uma pesquisa do programa Pibic/CNPq (2004-2005) e PIAIC/UFU (2004-2005) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que teve como objetivo descrever, analisar e interpretar as Estratégias de Ensino<sup>3</sup> (EE) dos professores sobre o ensino do esporte nas escolas da Rede Municipal de Ensino (RME) de Uberlândia, com a finalidade de compreender como estes constroem os Materiais Curriculares (MC's) utilizados no processo de planejamento e de ensino-aprendizagem dos alunos.

A definição pelo tema esporte se justifica em função: a) da carência na sistematização de EE com este conteúdo, apesar de ser um dos conteúdos mais utilizados nas aulas de Educação Física (EF) e possivelmente aqueles que os professores mais dominam considerando o “grande” número e o objetivo de disciplinas técnico-desportivas nos cursos de formação de professores; b) da existência de diferentes leituras/compreensões a respeito do ensino do esporte nas aulas de EF; e, c) do desafio do ato de planejar uma intervenção pedagógica<sup>4</sup> crítica do ensino do esporte como conteúdo nas aulas de EF, de forma que os alunos se apropriem do esporte como um conhecimento elaborado.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira apresentamos o contexto histórico, conceituações, classificações de MC's na Educação e mais especificamente na área da EF e o trato pedagógico do esporte na escola, considerando aqui os MC's utilizados. Na segunda parte descrevemos sobre o percurso metodológico utilizado no desenvolvimento do estudo, os MC's nas EE sobre o esporte: dos indicadores do planejamento à intenção pedagógica, e finalizamos com algumas das considerações onde destacamos, principalmente, a relevância dessa discussão nos cursos de formação inicial e continuada de professores de EF.

## **Primeira Parte**

<sup>3</sup> O termo “Estratégias de Ensino” é resultado da ação de seleção e organização dos conteúdos e se caracteriza como um processo sistemático de registro e socialização das experiências de ensino. Representa o planejamento de um ciclo de aulas utilizado para desenvolver um determinado tema com os alunos. Neste registro os professores materializam o saber produzido no cotidiano da prática pedagógica buscando explicar o que fazem em suas aulas e porque fazem da maneira que fazem.

<sup>4</sup> Uma das fortes críticas a forma como o esporte vem sendo desenvolvido na escola é que este se centra nos princípios do esporte de rendimento, que segundo Bracht (2000, p.15), “acaba por determinar uma educação que contribui a que os indivíduos interiorizem valores, normas e comportamento de acordo e não questionável com o sistema social. Isto porque o esporte de rendimento traça em sua estrutura interna, os mesmos elementos que estruturam também as relações sociais”.



## O contexto histórico dos MC's

A origem e o desenvolvimento de MC's, segundo Peiró e Devís (2001, p.119), “transcorre em paralelo ao processo de escolarização de massas adotados pelos Estados desde o início da Modernidade. Destacam-se aqui os livros de textos e outros materiais escritos, por serem os mais comuns e mais utilizados por vários sistemas educativos”<sup>5</sup>.

Sobre a investigação de MC's, no contexto educativo norte-americano, esta faz-se desde o primeiro quarto do século XX, porém a maioria se tem centrado especialmente no estudo dos meios audiovisuais, algumas vezes desvinculados do contexto real de sua aplicação. Esta perspectiva norte-americana pode ser observada em alguns países europeus como também no Brasil. Entretanto, durante os 20 últimos anos, com o surgimento de uma outra linha de investigação educativa (sociologia crítica da educação) tais materiais passaram a receber fortes críticas tanto sobre sua utilização em determinados contextos curriculares como em situações de uso real (PEIRÓ e DEVÍS, 2001).

Segundo Martinez Gorroño (2001) é na década de 90 que aparece uma série de autores como Martinez Bonafé (1991, 1992), Parcerisa e Zabala (1994), Parcerisa Aran (1999), Santos Guerra (1993), dentre outros, que começam a propor alternativas para a análise dos MC's, na tentativa de superar um anacronismo destes no interior do currículo.

No caso específico da EF, onde convencionalmente os MC's utilizados estão restritos a bolas das modalidades esportivas, bastões, colchonetes, cordas e outros, esta não ficou isenta a esse tipo de crítica. Entretanto, com o surgimento de outras perspectivas pedagógicas de orientação crítica na EF, se pode observar experiências de ensino e propostas pedagógicas que utilizam outros MC's, como: textos, meios audiovisuais, informáticos e outros, para o desenvolvimento de seus conteúdos de ensino.

## O que são os MCs?

Uma definição mais comum para descrever o que são os MC's corresponde àqueles materiais como: instrumentos, recursos, artefatos, objetos ou meios, que ajudem no desenvolvimento de um currículo. Ou seja, aqueles materiais didáticos que num dado contexto educacional está “de acordo” com a proposta curricular e que atua como um potente dispositivo de discurso educativo. Sendo considerado uma tecnologia porque se trata de uma ferramenta.

A análise que Martinez Bonafé (2002) aplica ao livro texto pode ser generalizada aos demais materiais, de que é na escola que o MC encontra-se com o campo social e nutre-se de significados, codificando a cultura selecionada no currículo e dando-lhe forma pedagógica. E, apesar da diferente denominação utilizada por alguns autores para conceituar MC's, encontramos em comum, entre eles, de que sua função é ajudar ou facilitar o trabalho docente, sempre se ressaltando a importância de estarem de acordo com os conteúdos curriculares, como explicita Garcia Montes e Ruiz Juan (2005).

Podemos perceber também que quando alguns autores utilizam o termo **meio** ou **recurso** para conceituar os MC's, estes buscam descrevê-los como sendo algo específico para auxiliar o docente no desenvolvimento de suas atribuições. Assim encontramos autores como Zabala (1998, p.167) que define

<sup>5</sup> Tradução nossa.



os MC's como “[...] **meios**<sup>6</sup> que ajudam os professores a responder aos problemas concretos que as diferentes fases dos processos de planejamento, execução e avaliação lhes apresentam”.

Para Martinez Gorroño (2001, p.8) os MC's são “[...] **recursos**<sup>7</sup> que contêm informações que exemplificam, expõe idéias, relata experiências práticas, etc., que, em definitivo, contribuem para facilitar e fundamentar a tomada de decisões que precisa levar a cabo o docente no desempenho das funções”<sup>8</sup>.

Por outro lado, quando encontramos na literatura o termo **instrumento** ou **objeto** ou ainda, **artefato**, para descrever os MC's estes são compreendidos como sendo aqueles manuseados pelos alunos. Sua descrição refere-se a “[...] qualquer **instrumento**<sup>9</sup> ou **objeto**<sup>10</sup> que possa servir como recurso para que, mediante sua manipulação, observação ou leitura se ofereçam oportunidades de aprender algo, ou com seu uso se intervenha no desenvolvimento de alguma função do ensino”<sup>11</sup> (GIMENO SACRISTÁN, 1991, p.10).

### **Aproximação a uma classificação dos MC's**

Se partirmos para uma classificação de MC's, encontramos na literatura diversas formas quanto aos critérios. Segundo Cabero (1990 apud PEIRÓ e DEVÍS, 2001), há distintas classificações e taxonomias que atendem critérios diversos, como: a) os sentidos implicados; b) o grau de realismo do material; c) a linguagem; d) a relação com o professorado; e) o momento histórico de aparição, f) o sistema de catalogação; e, g) as funções didáticas dos materiais.

Entretanto, percebemos, após análise bibliográfica, que a mais utilizada segue enfoque cognitivo, classificação proposta por Zabala (1998), onde o autor menciona o critério *segundo a intencionalidade ou função do material* oferecendo ainda outros três critérios para sua classificação, são eles: 1) segundo os níveis de concretização curricular, 2) segundo os tipos de conteúdos e, 3) segundo o meio de comunicação ou suporte que utilizam.

Já, segundo Peiró (2001), mediante o critério de intencionalidade ou função do material, os mais significativos e exemplificadores são: 1) os materiais para a construção do conhecimento e cooperação, 2) material de promoção da atitude crítica e, 3) material para a construção de MC's. Por isso podemos dizer que, existem materiais criados comercialmente para professores e para alunos, e, quando destinado ao professor, pode ser de uso na própria prática docente (planejamento, desenvolvimento ou avaliação) ou para que, a partir destes, outros MC's sejam criados com as finalidades anteriores ou ainda, para que sejam utilizados diretamente pelos alunos.

Podemos afirmar que os MC's cumprem uma função de mediação no processo de ensino-aprendizagem. Esta função geral origina diversas funções específicas. Segundo Parcerisa (1999) estas funções são as seguintes: inovação, motivação, estruturação da realidade, configuração do tipo de relação que o aluno mantém com os conteúdos de aprendizagem, controladora dos conteúdos a ensinar, comunicativa, formativa, de depósito do método e de produto de consumo. O cumprimento de uma ou mais destas funções dependerá do próprio material e do uso que o professor fará deste.

<sup>6</sup> Grifo nosso.

<sup>7</sup> Grifo nosso.

<sup>8</sup> Tradução nossa.

<sup>9</sup> Grifo nosso.

<sup>10</sup> Grifo nosso.

<sup>11</sup> Tradução nossa.



## **Criação de MC's**

Para Martinez Bonafé (1992 apud PEIRÓ e DEVÍS, 2001), devemos pensar na construção e seleção de MC's a partir da atividade escolar, MC's que promovam a discussão com outros profissionais e multiplique as exemplificações surgidas da experiência. Para Peiró e Devís (2001) isto é possível a partir de uma reflexão sistemática, pelo trabalho em grupo, com discussão compartilhada entre os professores que os elaboram.

É certo que, na maioria das vezes, quando o professor cria o material, ele o elabora tendo algumas vezes como referência materiais já publicados. Ao decidir pela criação de MC's, para que estes realmente sejam adequados, o docente terá que considerar uma série de questões, como por exemplo: que o MC seja coerente com o projeto curricular, com os critérios que referem-se a sua seleção, elaboração e uso. Deve atentar também para os valores/concepções que refletirão nestes, cuidando para que o material não produza discriminações, seja por questões raciais, de gênero, religiosas, habilidades e/ou de desempenho cognitivo, físico ou motor.

Ao professor cabe a tarefa de analisar e avaliar os MC's para que possam selecionar ou elaborar os mais coerentes com o projeto pedagógico e sua intenção didática. Segundo Martinez Bonafé (1992 apud PARCERISA, 1999) até poucos anos atrás a preocupação com o material era apenas de caráter técnico, porém, hoje em dia o campo de análise se ampliou, pois os MC's estão de modo implícito ou explícito determinado pela atividade de escolarização. Então é necessário que o professor adquira o hábito profissional de analisar os MC's, tanto no momento de elaborá-los quanto no de proceder a sua seleção e no de estabelecer critérios de uso. Isto requer a necessidade de realizar diversas análises debatendo as dúvidas e conclusões com os companheiros de trabalho. A análise tem que estar referenciada a partir da tríplice relação: elaboração, seleção e uso dos MC's.

## **MC's na Educação Física**

Quando partimos para uma análise dos MC's no âmbito da EF, o termo tradicionalmente é relacionado aos recursos que formam os equipamentos de uma instalação específica para a realização da atividade física, (lembrando que, são) considerados MC's pois contribuem aos objetivos curriculares. Já no conjunto de MC's dirigidos a favorecer a melhora dos processos de ensino-aprendizagem, segundo Velázquez Buendia (2001), eles ajudam não apenas no planejamento como também no desenvolvimento da capacidade de aprender de forma cooperativa e autônoma.

Na EF escolar encontramos uma maior quantidade de MC's, pois em quase sua totalidade as atividades físicas por possibilitar a movimentação fazem uso de objetos, instrumentos, meios ou recursos didáticos que interagem constantemente com os praticantes. MC's que deveriam apresentar características, tais como: de fácil manejo, pouco peso, atrativo e motivante, não condicionado a um uso específico, original, fácil de transportar, fácil de montar e desmontar, seguro, durável, de manutenção simples e econômica. Além disso, o fato das escolas não adotarem livros de texto para a EF, oferece ao professor a oportunidade de "criar" seu material, de pesquisar o conteúdo mais coerente com o currículo.

Em classificações gerais, como a da UNESCO, têm incluído os meios de ensino da EF como uma categoria específica de materiais, junto aos manuais e livros, meios para o ensino científico, meios para o ensino técnico e profissional e os meios audiovisuais e informáticos (PARCERISA ARAN, 1996 apud



PEIRÓ e DEVÍS, 2001). Desta forma Peiró e Devís (2001) agrupam a variedade de materiais em: a) os materiais impressos, b) os recursos materiais (material descartável, material para a prática físico-desportiva, instalações e equipamentos) e, c) os meios audiovisuais e informáticos.

### **O esporte como eixo norteador na construção de MC's**

A discussão do tema esporte na EF escolar não é algo novo e, mesmo assim, ainda persistem muitas dificuldades na compreensão de sua prática como elemento transformador.

Dentro da literatura sobre o tema esporte, uma das questões que encontramos é a existência ou não de possibilidades de abordar o esporte de forma diferente da que vem sendo tratada dentro da escola, rompendo com a exclusividade do ensino do esporte, que tem como referência o paradigma da aptidão física. Mas, mais do que a existência de possibilidades questiona-se também como concretizá-las na prática pedagógica, ou seja, apresentar experiências pedagógicas.

Vago (1996) nos coloca que a EF, disciplina que trata da cultura corporal dentro da escola, tem um papel importante na construção de uma cultura escolar de esporte diferente das práticas hegemônicas da sociedade, através de uma relação de tensão permanente. A EF é determinada pelos valores hegemônicos, mas também é determinante, e nessa questão entra a construção de um esporte diferenciado. Um esporte (diferenciado) que oportunize práticas prazerosas, que seja questionado e modificado a partir do contexto em que é praticado.

Neste sentido Oliveira (1999) também ressalta a necessidade de entender o esporte como instituição social, reprodutora de valores e sua condição de produção humana, de transformação, ação que ultrapasse o discurso de mudança, que surgiu na década de 80 no meio acadêmico. Nesta mesma linha argumentativa Caparróz (2001) sugere a permanência de um constante diálogo do meio acadêmico com os professores na escola. Tratar pedagogicamente o esporte em uma perspectiva crítica implica conhecer a escola, seus conflitos, contradições (a escola real). Devemos “ir para além da possibilidade construída com base em um discurso que desconhece as condições objetivas da escola” (Ibid., p.42). Trabalhar pedagogicamente o esporte nas aulas de EF só tem sentido se este for integrado ao projeto político-pedagógico da escola. Para isto é necessário analisar e definir as concepções pedagógicas e articulá-las com o tipo de educação que melhor se adapta as diferentes manifestações do esporte (BRACHT, 2000).

Contudo, Caparróz (2001) destaca duas questões que merecem ser refletidas criticamente por aqueles que buscam tratar pedagogicamente o esporte na escola. São elas: a) a presença de resistências de alunos e da comunidade em geral, quando os professores procuram tratar o esporte em outra perspectiva que não seja aquela trabalhada hegemonicamente no interior de muitas aulas de EF e, b) as condições (tanto de formação quanto materiais e física) que os professores possuem para construir uma intervenção consciente e articulada, contra-hegemônica, que supere a subordinação da EF ao esporte de rendimento.

No que diz respeito a este último aspecto apontado pelo autor, Oliveira (1999) propõe, como forma de superação, a reinvenção do esporte. Afirma o autor que

[...] o ponto crucial parece ser o acesso real e refletido à cultura corporal, através da prática efetiva das atividades, mas de uma prática capaz de aquisição e compreensão da expressividade da linguagem corporal, refletindo sobre o significado e os valores do mundo por ela representado e, também, construído” (OLIVEIRA, 1999, p.229)

Entretanto, alertamos que ao reinventar o esporte devemos cuidar para não acabar por criar algo



que não seja esporte. Por exemplo, alterar as características de uma determinada modalidade gerando algo completamente diferente e, assim, correr o risco, segundo Caparróz (2001, p.43) “de ainda não superar o essencial apontado em nossa crítica”. Pois, se os alunos são distanciados do esporte criticado, não se criam elementos para que eles reflitam sobre essa prática. Não será pela repetição das nossas críticas que os alunos irão ter uma educação que possibilite a emancipação e autonomia. Mas, através da experimentação, aprendizado e transformação.

O professor, dessa maneira, deve facilitar o contato, por meio de diferentes estratégias, do maior número possível de jogos, preservando significados, possibilitando a compreensão do que estava e está envolvido no jogo, buscando modificações nos seus sentidos. Para isso, o caminho é a reflexão, problematização do conhecimento, o que não implica a exclusão do trato pedagógico de conteúdos como a técnica, tática e regras. Neste aspecto Oliveira (2005) destaca a importância de abordá-las no ensino dos diferentes esportes e que esses conhecimentos não devem ser negados aos alunos, mas sim preservados os seus significados centrais e alterado o sentido individual e coletivo.

O autor expõe a utilização da técnica como um meio de incentivar os alunos a resolver problemas e desafios, na busca da melhor forma de fazer. Mostra a técnica como elemento do jogo, que deve ser aprendida, inventada e não apenas como um movimento padronizado, treinado repetitivamente antes do jogo e praticado apenas durante sua realização de forma mecânica e fragmentada. O sentido central da técnica é preservado, a questão que o autor coloca é “com que finalidade e com que nível de consciência se faz algo de determinada maneira” (OLIVEIRA, 2005, p.2127).

Em relação às táticas, precisa-se também ultrapassar aquela visão de apenas aplicação de esquemas prévios já definidos. Além de poder ser utilizada como forma de resolução de problemas, o autor sugere trabalhá-la como forma de entendimento e análise do desenvolvimento do jogo, o porque se configurou de um jeito e não de outro. E, em relação às regras, o autor, explica que “o significado central do jogo não está apenas nas regras” (Ibid.). Elas podem e devem ser alteradas se necessário. Os alunos devem ter acesso às regras oficiais, mas devem saber questioná-las e adaptá-las ao tipo de jogo que querem jogar, realizar modificações desde a participação ao nível de violência. Destaca que “as regras são mais respeitadas quando definidas ou (re)elaboradas pelos próprios participantes. E mais, que as alterações mais importantes e consistentes se dão quando se conhece bem aquilo que se quer mudar” (Ibid.).

Por fim, deve-se garantir o conhecimento e a reflexão dessas três dimensões, como também tratá-las de forma articulada, pois elas existem na realidade do jogo, seguindo um trato crítico do esporte que não pretende distanciar os alunos do esporte criticado, mas conduzi-los a alterações através da reflexão pedagógica.

## **Segunda Parte**

### **Percurso metodológico**

O presente estudo se caracteriza no âmbito da perspectiva interpretativa crítica que segundo André (1995) permite um plano de trabalho aberto e flexível, onde os focos do projeto são constantemente revisados, as técnicas de coleta das informações são “reavaliadas, os instrumentos reformulados e os fundamentos teóricos repensados” (p.30).



No levantamento realizado para detectar o número de EE sistematizadas sobre o tema esporte nos Anais do 1º, 3º e 4º Simpósio de Estratégia de Ensino<sup>12</sup> foram encontradas onze estratégias que se enquadram nos critérios estabelecidos pela pesquisa, ou seja, aquelas sistematizadas por professores da RME. Para analisar e interpretar as EE, definimos alguns itens para uma classificação inicial composto por: nome da estratégia; MC's utilizados para seu desenvolvimento; série onde foi aplicada; e, observações pessoais.

Começamos a análise e classificação das EE, na seqüência fizemos a leitura desta seguida de debate/reflexão em função do que encontrávamos na estratégia e interpretávamos a partir do marco teórico resenhado sobre a temática dos MC's e do ensino do esporte na escola, apresentados na primeira parte deste artigo.

Apareceram muitas questões que necessitavam ser melhor explicadas e, assim, decidimos realizar entrevistas com algumas professoras que tinham sistematizado as estratégias. Foram enviados *e-mail* para as autoras e apenas uma professora nos respondeu. Marcamos a entrevista, que por sua característica de perguntas abertas é denominada de semi-estruturada (WOODS, 2001). Isto nos possibilitou estabelecer discussões através de um processo de diálogo livre com a professora, nos permitindo explorar algumas respostas que não se mostraram muito claras ou que apresentavam informações e novos indicadores relevantes para o estudo. O roteiro da entrevista foi definido tendo como orientação o debate/reflexão sobre as estratégias e as interpretações que precisavam ser aprofundadas em nossas análises.

Para a realização da entrevista tivemos como princípio apresentar o roteiro elaborado previamente, o deixando sempre a vista da professora. A partir da devida autorização da professora a entrevista foi gravada e depois transcrita na íntegra. Terminada a transcrição devolvemos a mesma para a professora para que confirmasse e/ou modificasse o que lhe parecia conveniente.

Após leituras exaustivas da classificação, das análises iniciais, da transcrição da entrevista e posterior análise da mesma, ordenamos os dados em diversas categorias. Estas categorias constituíram um conjunto de significados no qual denominamos de indicadores da construção de MC's das EE sistematizadas no cotidiano da prática pedagógica e no processo ensino-aprendizagem. São eles: MC's e a intenção pedagógica; superação da exclusividade do paradigma da aptidão física nas aulas de Educação Física; MC's confeccionados pelo professor e/ou aluno; reflexão sobre o esporte por meio dos MC's; e, planejamento de ensino e os MC's.

A discussão apresentada sobre os indicadores nos proporcionou refletir sobre os conceitos de MC's no interior das EE. Neste sentido, passamos a apresentar o que estamos denominando neste momento de uma classificação dos MC's em quatro categorias. Lembramos que esta não é uma classificação generalizada para todo o tipo de planejamento sobre o esporte. Esta é restrita ao contexto de planejamento que as EE se encontram. A classificação ficou assim definida:

1) MC Tradicional (**MCT**): entendemos ser aqueles que ao serem observados remetem automaticamente ao esporte ou atividade física e que é industrializado. Exemplos: bolas das diversas modalidades esportivas, bastões, cordas, traves, redes, colchonetes, medalhas, cesta de basquete, peteca, bolas de borracha, apito, colete etc.

2) MC Tradicional Alternativo (**MCTa**): trata-se do material que ao ser observado remete ao esporte ou atividade física, porém é de criação do professor ou do aluno ou de ambos. Exemplos: peteca

<sup>12</sup> Evento realizado pelo Núcleo de Estudos em Metodologia de Ensino da Cultura Corporal (NEPECC) localizado na Faculdade de Educação Física da UFU.



feita por material como garrafa *pet* e pano, bolas de meia, sacos de areia etc.

3) MC Não-Tradicional (**MCnT**): são MC's industrializados que ao serem observados não remetem ao esporte ou atividade física, contudo são utilizados para tratar desses. Exemplos: livro, caderno, giz, folha sulfite, textos, figuras, quadro-negro, jornal, revista, fita de vídeo, fita adesiva, vídeo cassete, lápis de cor, caneta etc.

4) MC Não-Tradicional Alternativo (**MCnTa**): são os que não remetem ao esporte ou atividade física e que foram criados ou pelo professor ou pelos alunos ou por ambos, ou seja, não industrializados que ao serem trabalhados tratam do tema esporte. Exemplos: painéis, textos, desenhos, maquetes, cartazes etc.

### **Os MC's nas EE sobre o esporte: dos indicadores do planejamento à intenção pedagógica**

Pela dinâmica apresentada nas EE percebe-se a existência de outros materiais, normalmente utilizados nas aulas, mas que os professores não relatam, tais como o apito, os coletes, dentre outros, inclusive a bola (citam o jogo, mas não fazem menção explícita a esta). Verificamos também que existe um número escasso de MCTa sendo utilizados.

Contudo, constatamos que a escolha da modalidade referenciada na estratégia ou até mesmo a aplicação de uma EE gira em torno do MCT (geralmente a bola) disponível (ou não) na instituição e, para alguns, isto pode, inclusive, influenciar na qualidade da aula como exemplificado nos trechos, abaixo citados, das EE

*A escolha da modalidade se dará levando em consideração os materiais e locais disponíveis na escola. (EE 2)*

*A escolha da modalidade se dará levando em consideração a utilização da quadra e dos materiais pelos outros professores. (EE 3)*

*A escassez de material para as aulas muitas vezes faziam com que as aulas ficassem monótonas. (EE 5)*

Assim, este se torna um material que normaliza a aula, ou seja, governa a prática do ensino e até mesmo da aprendizagem. Neste contexto, o material, segundo Martinez Bonafé (2002), ordena a vida da aula, podendo ser até um dispositivo privilegiado das políticas de controle. Ou, nas palavras de Apple (1989 apud MARTINEZ BONAFÉ, 2002, p.28) “atua como um importante mecanismo de controle técnico sobre a prática do ensino”<sup>13</sup>.

Percebemos também o uso de um expressivo número de MCnT e MCnTa sendo utilizados, acreditamos que isto ocorra por a RME de Uberlândia possuir uma proposta curricular que tenta superar a exclusividade do paradigma da aptidão física no ensino do esporte nas aulas de EF. Contudo, sabemos que os instrumentos em si não garantem que esteja ocorrendo à superação desse paradigma, mas pode apontar um avanço desde que isto faça parte da proposta pedagógica da escola. Pois, o trato pedagógico do esporte passa pela utilização de materiais tradicionais (ou não) sendo também confeccionados (ou não) pelo próprio professor, pelo aluno ou ainda por ambos.

Quando os MC's são criados pelos professores para o desenvolvimento de sua aula estes servem

<sup>13</sup> Tradução nossa.



para tratar temas e temáticas a serem refletidas coletivamente com mais profundidade. Em determinadas situações os alunos participam da confecção do material, mais como resultado da reflexão sobre o tema a ser tratado do que especificamente do material que ele vai utilizar. Para a professora entrevista, além de se criar o material que vai ser utilizado, o que se busca é procurar o material que vai dar suporte para confeccionar um outro. Como lembra Fernández (1989 apud PARCERISA, 1999) devido à diversidade entre os alunos os MC's deveriam ser o mais diversificados, para possibilitar uma melhor atenção destes, oferecendo inúmeras possibilidades de uso em função da necessidade de cada situação e momento, tendo-se em conta uma perspectiva de formação integral.

Em todas as estratégias verificamos que o MC procurou atender a intencionalidade pedagógica apresentada na justificativa da EE que seria trabalhada, que eram: cooperação, trabalho coletivo, exclusão e preconceito com relação a gênero, raça e habilidades, a prática social do esporte, individualismo, respeito, democracia, igualdade e, participação. No momento quando os alunos estão na sala de aula colorindo, dobrando e/ou colando, é retratado pela professora “como um espaço que permeia o respeito pelo outro, emprestar e etc.” (professora).

### **Considerações finais**

Foi possível perceber nas EE analisadas que os professores buscaram através do planejamento retratar a dimensão política de sua prática pedagógica. Consideramos que esse tipo de atitude acontece pelo fato de que esse coletivo vem participando de um processo de formação continuada, que tem como princípio uma formação e uma prática pedagógica na perspectiva de um ensino crítico e reflexivo.

Neste sentido, fica perceptível a dimensão política da utilização dos MC's voltados para um planejamento da EF escolar alicerçado em:

- a) a não restrição do ensino específico das modalidades esportivas com exclusividade nos fundamentos. Estes eram tratados a partir de temas geradores que compõe a prática do esporte enquanto fenômeno social;
- b) dependendo da intenção pedagógica que o professor tem ao tratar o tema esporte ele pode utilizar materiais tradicionais ou não. Os instrumentos em si não garantem que esteja ocorrendo a superação desse paradigma, mas pode apontar um avanço desde que este reflita uma proposta pedagógica;
- c) o trato pedagógico do esporte passa pela utilização de materiais tradicionais ou não, sendo confeccionados pelo próprio professor. Tratar o esporte de forma crítica não significou esquecer do ensino das modalidades;
- d) a importância da utilização dos diferentes tipos de MC's (MCT, MCTa, MCnT, MCnTa) podendo ser utilizado dependo da intencionalidade pedagógica;
- e) busca da superação da exclusividade do paradigma da aptidão física nas aulas de EF;
- f) em determinadas situações os alunos participam da confecção do material, mais como resultado da reflexão sobre o tema a ser tratado do que especificamente do material que ele vai utilizar;
- g) a importância do professor confeccionar o material para orientar o desenvolvimento de sua aula, pois pode tratar temas/temáticas a serem refletidas com mais profundidade coletivamente;
- h) a utilização de um único material (o tradicional) ou somente aquele que esta disponível, pode limitar o aluno a possibilidade de experimentar outros conhecimentos. Além disso, também pode criar no professor um tipo de condicionamento, trabalhando apenas com o material tradicional disponível, sem criar alternativas para este.



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

As discussões aqui apresentadas nos fazem refletir sobre a necessidade de ampliarmos a reflexão acerca da construção de MC's na formação inicial e continuada de professores, pois, segundo Zabala (1998), muitos professores por desconhecerem as variáveis metodológicas que os MC's nos oferecem acabam por menosprezá-los. E a falta de participação dos professores na construção de MC's faz com que estes apliquem única e fielmente o material sem reflexão para o seu cotidiano e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

Para Martinez Bonafé (2002) os materiais constituem exemplos para o tratamento de um tópico nas aulas. Atuam como suporte ou auxílio, posto que a estrutura do posto de trabalho docente não lhes permite abarcar-se na elaboração de materiais de alta qualidade. Os materiais que oferecem o projeto tem uma vida limitada pois não podem converter-se em definidores do currículo, senão, em um recurso pontual que sugere um modo de trabalho, uma forma de selecionar e organizar o conhecimento, um modo de relação com o conhecimento e, sobretudo, exemplos de estratégias de qualidade que provocam no professor a necessidade da emissão de juízos responsáveis sobre sua tarefa, a necessidade do experimento e do debate.

Por outra parte, os materiais podem e devem ser reestruturados e adaptados por professores, segundo o particular contexto de trabalho. É como diz a professora entrevistada “eu não me colocaria como criadora de nenhum material curricular, porque a gente acaba mesmo é adaptando”. Assim, a construção de MC's é uma relevante ferramenta na formação inicial e continuada de professores. Portanto, estes devem ser pensados e desenvolvidos a partir das reflexões e decisões dos próprios professores, não se limitando as instruções de uso de determinados pacotes curriculares que já vêm prontos (CONTRERAS, 1991 apud PEIRÓ e DEVÍS, 2001).

Na escolha e aplicação dos MC's é necessário ousar, porém, sempre considerando todos os pressupostos que envolvem uma escolha, pois existem aqueles MC's que trazem insegurança aos professores quanto a sua aplicabilidade simplesmente por serem pouco conhecidos. Mesmo para aqueles de grande tradição, que produzem nos professores certa segurança quanto sua utilização, é necessário analisar seus pressupostos político-pedagógicos além de sua concordância com o currículo. Neste processo, deve-se ainda, atentar para a grande variedade de materiais procedentes de outros âmbitos ou da natureza que não são utilizados por falta de imaginação ou da carência de tempo e compromisso docente.

Segundo Martinez Bonafé (2002) o cuidado com a utilização do material editado é para a análise de sua estreita relação com a ideologia das atividades econômicas, pois a maior parte da indústria editorial está vinculada a poderosos grupos empresariais e financeiros, “diretamente relacionadas com a atividade econômica e cultural de controle e venda da informação e das redes de comunicação”<sup>14</sup> (Ibid., p.83). O autor ainda nos alerta que estes grupos midiáticos, em termos ideológicos, se inscrevem em um perfil sociológico de centro-direita ou ainda, que suas apostas sociais se marcam nos critérios da globalização neo-liberal.

Considerando que, em alguns momentos parece haver certo divórcio entre o campo de trabalho universitário e o campo de trabalho do professorado. Sendo que a convergência destes dois âmbitos é essencial para a melhora qualitativa do sistema educativo. No referente aos MC's, a Universidade deveria: fomentar a investigação e inovação, analisar periodicamente a qualidade dos editados e tornar públicas essas conclusões, além de oferecer vias de reflexão sobre o papel atual e futuro dos materiais (PARCERISA, 1999). O que para Martinez Bonafé (2002) não se trata de uma etiquetagem de controle da

<sup>14</sup> Tradução nossa.



qualidade ou prévia de autorização e sim a possibilidade de valorizar o papel do material e contribuir na sua melhor aplicação. E, por outro lado, o papel da Universidade, segundo o autor

[...] poderia também contemplar em seus programas de formação dos professores a avaliação do material curricular. E ampliar, no marco da formação permanente e a re-profissionalização, programas de investigação com professores, estudos etnográficos e seminários nos quais aprofundariam no desenho e a avaliação do material curricular<sup>15</sup> (MARTINEZ BONAFÉ, 2002, p.123).

### Referência bibliográfica

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, ano VI, n.12, p. XIV-XXIV, jul. 2000.

CAPARRÓZ, F. E. O esporte como conteúdo da Educação Física: uma jogada desconcertante que não entorta só nossas colunas, mas também nossos discursos. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, Niterói: GEF-UFF, v. 2, n. 1-suplem, p. 31-47, 2001.

GARCIA MONTES, M. E., RUÍZ JUAN, F. Recursos materiales y educación física. Importancia, concepciones de uso, funciones y factores a tener en cuenta para su utilización. *Revista Tándem: Didáctica de la Educación Física*. Barcelona: Editorial Graó. n.18, julio. 2005.

GIMENO SACRISTÁN, J. *El currículum: una reflexión sobre la práctica*. Madrid: Morata. 1991.

MARTÍNEZ BONAFÉ, J. *Políticas del libro de texto escolar*. Madrid: Morata. 2002.

MARTÍNEZ GORROÑO, M. E. Currículum de Educación Física y características de los materiales curriculares. *Revista Tándem: Didáctica de la Educación Física*. Barcelona: Editorial Graó. n.4, julio. p. 7-17. 2001.

OLIVEIRA, S. A. de. Realidade e possibilidade no esporte: a prática pedagógica em questão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v.21, n.01, p. 226-233, set. 1999.

OLIVEIRA, S. A. de. Dilemas da prática pedagógica no trato com o jogo e o esporte. Porto Alegre: Anais *Conbrace*. p.2120-2127. 2005.

PARCERISA, A. *Materiales curriculares: Cómo elaborarlos, seleccionarlos y usarlos*. Barcelona: Editorial Graó. 1999.

PEIRÓ, C. *Materiales curriculares en educación física como colaboradores del proceso de enseñanza e*

<sup>15</sup> Tradução nossa.



aprendizaje. *Revista Tándem: Didáctica de la Educación Física*. Barcelona: Editorial Graó. n.4, jul. p.19-32. 2001.

PEIRÓ, C., DEVÍS, J. Los materiales curriculares en educación física: *aproximación teórica y líneas de investigación*. 2001. Disponível em: <<http://www.efpanamericana.8k.com/mate.htm>>. Acesso em : 15 set. 2006.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. *Movimento*, Porto Alegre, ano III, n.5, p. 4-17, 1996.

VELÁZQUEZ BUENDIA, R. Hojas de registro, aprendizaje cooperativo e iniciación deportiva. *Revista Tándem: Didáctica de la Educación Física*. Barcelona: Editorial Graó. n.4, jul. p.45-59. 2001.

WOODS, P. La escuela por dentro: *La etnografía en la investigación educativa*. Barcelona: Paidós. 2001.

ZABALA, A. A prática educativa: *como ensinar*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul. 1998.

Endereço: Rua Albatroz, 544 - Ingleses, CEP-88.058-240 - Florianópolis/SC

e-mail: [rotelli\\_paula@yahoo.com.br](mailto:rotelli_paula@yahoo.com.br)

Recurso tecnológico necessário: data-show